

RUPTURAS E INOVAÇÕES ARTÍSTICAS

Na literatura, assim como em todas as artes, assistimos a um movimento contínuo e ininterrupto de idas e voltas. Tendências vão e vêm e as pessoas menos observadoras às vezes se precipitam em seus julgamentos, achando que determinado modo de narrar, ou aquele leiaute específico da página são novidades. Em uma arte tão antiga quanto a literária, talvez seja impossível falarmos em algo absolutamente diferente e original. Todas as artes, assim como a vida, são feitas de retomadas, experimentações, melhoramentos, cortes e acréscimos. Dessa forma, quando há ruptura, não é possível dizer que se trata de algo efetivo. A ruptura é um intervalo, um momento efêmero de questionamentos ao modelo vigente e de novas propostas, que só são realmente novas em relação àquele modelo, que está sendo criticado, revisado, repensado...

Em nossa época atual, as transformações são céleres e os deslocamentos são uma constante e afetam os conceitos de tempo e espaço. Sem dúvida, essas variações caracterizam a sociedade contemporânea, incluindo a arte que a representa. Entretanto, não podemos dizer que esse fenômeno é exclusivo. Nem mesmo a globalização é uma prerrogativa (ou uma desvantagem) de agora. O mundo já conheceu outros momentos de globalização, os quais, como o nosso, naturalmente associaram-se a rupturas e ao que as pessoas de outros tempos também consideravam **inovações**. Nessa hora, podemos recorrer a David Harvey, que menciona o tal “rompimento impiedoso com toda e qualquer condição precedente”, desencadeando “um processo sem-fim de rupturas e fragmentações internas” (HARVEY, 1992, p. 12)¹.

Para contemplar esse fenômeno e oferecer um rápido panorama do movimento das artes, em decorrência da atual globalização, nesta vigésima primeira edição da revista *Scripta Alumni*, apresentamos o dossiê intitulado *Rupturas e inovações artísticas*. Sempre buscando oferecer aos nossos leitores perspectivas variadas sobre um determinado tema, dividimos os artigos deste número em sete seções:

- *Linguagem e metalinguagem*

- *Textos, imagem e palavra*

¹ HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.



- *Arte e sociedade no novo século*
- *Arte/fato*
- *Questões de (con)texto*
- *Identidades*
- *Tempo e memória*

Na seção intitulada *Linguagem e metalinguagem*, o artigo *O heterodiscurso e o dialogismo como ferramentas de transculturação em "Macunaíma"* associa a pluriculturalidade presente na obra modernista ao conceito de ruptura. Além disso, nesse aspecto são destacados o perfil do protagonista, anti-herói por excelência, e os recursos linguísticos, conforme o que o autor Mário de Andrade costumava chamar de **língua brasileira**. Na mesma seção, o segundo trabalho, *Uma proposta ética: o ato bakhtiniano na obra de Lygia Clark*, analisa a linguagem inovadora da artista plástica, delineando não apenas uma transformação na expressão artística, mas também na formação do público. Nesse percurso, o conceito de alteridade é usado para unir, por meio da linguagem e da reflexão sobre a representação: artista e espectador; arte e filosofia.

Em *Textos, imagem e palavra*, foram reunidos outros dois trabalhos. *Ruptura e inovação: adaptação da obra cervantina em "Dom Quixote das crianças"* estuda comparativamente o clássico universal e o texto lobatiano, a fim de discutir o conceito de obra canônica e o próprio processo de adaptação. A autoria de Monteiro Lobato ganha destaque, nas questões de estilo e brasilidade, atualizando e modificando a obra de Cervantes. O segundo artigo, que recebeu o título *O construto da princesa: uma análise crítica da mídia de massa infantil*, demonstra as mudanças no cinema de animação, especificamente no que se refere às personagens princesas, que, antes, correspondiam mais aos estereótipos resultantes da sociedade patriarcal, mas que, atualmente, ganham contornos mais realistas, principalmente quando se trata da relação entre etnia e corpo. Dessa forma, o estudo utiliza um referencial teórico sólido e extremamente relevante, para apresentar a influência dos produtos culturais na formação identitária do público.

Também com dois trabalhos, a seção *Arte e sociedade no novo século* apresenta: *"Eu trouxe na alma a essência que eles busca no sample": a política do sampling em Criolo e em Emicida*; e *"Like softest music to attending ears!": Romeu e Julieta – ao som de Marisa Monte, análise de uma adaptação*. Ambos os artigos privilegiam a música, em sua relação interartística com a literatura e seus recursos. O primeiro



estudo analisa o *rap* e as técnicas de bricolagem e recontextualização, que, por sua vez, definem o ato de **samplear** (e inovar, mas sem desconsiderar a forma antiga). Já o segundo trabalho revisita o clássico shakespeariano para discutir a permanência e as mudanças, inerentes a todo processo de adaptação. Entretanto, nesse caso, o aspecto teatral se mantém. O que se altera é a época e a linguagem, consequentemente, que recebe a interferência da música.

Na quarta seção, *Arte/fato*, três artigos abordam, de modos distintos, a dicotomia ficção e realidade. Com o título *O longo caminho para a liberdade: a subjetividade na adaptação fílmica da autobiografia de Nelson Mandela*, o primeiro estudo abrange os temas de identidade individual e social, partindo da figura icônica do líder sul-africano. Contemplando o gênero autobiográfico em formato de livro e filme, a análise também se detém sobre a relação entre essas mídias. Entretanto, o trabalho se destaca principalmente por privilegiar reflexões acerca da discursividade, da voz narrativa e do lugar de fala. Sob outra perspectiva teórica, o trabalho intitulado *A fantasia em "A pequena vendedora de fósforos" de Hans Christian Andersen* opõe fantasia e realidade, fazendo uso da Psicanálise para demonstrar a função dos recursos ficcionais característicos dos contos de fadas na transformação do real. Completando essa seção, o estudo *O funcionamento da memória como tema literário* analisa um conto borgeano: *Funes, o memorioso*. Sendo assim, associam-se memória e construção narrativa, também discutindo a influência do fantástico na relação complexa que existe entre o que é real e o que é imaginário. Pela escolha do tema, o trabalho também chama atenção para um assunto muito debatido hoje em dia, principalmente por aqueles que creem na existência de uma geração amnésica, em razão das facilidades de registro propiciadas por computadores e *smartphones*.

Na próxima seção, *Questões de (con)texto*, há dois trabalhos, intitulados, respectivamente: *O narrar como ruptura da monotonia do cenário urbano em "Onde estará Dulce Veiga?"*, de Caio Fernando Abreu; e *Ruptura e experimentação: as vozes narrativas em "Os detetives selvagens"*, de Roberto Bolaño. O primeiro artigo, ao mesmo tempo em que analisa a narração como uma característica reativa ao ambiente da metrópole, associa a singularidade da constituição narrativa ao perfil do leitor, desafiado pela linguagem utilizada na obra e pelo posicionamento do narrador. Do mesmo modo, o segundo artigo tem como eixo a complementaridade entre os processos de narração e leitura. Na obra de Bolaño escolhida para estudo, temos um exemplo de literatura experimental, pois a história é formada de modo fragmentado,



com dezenas de narradores, cada um deles responsável por uma peça fundamental no quebra-cabeças em que se transforma o enredo.

Identities é o título da penúltima seção, que conta com dois estudos. Um deles é *De Esparta a Troia: a construção da identidade de Helena na série "Troy: fall of a city"*, que retoma a literatura e os mitos da Antiguidade Clássica para analisar uma adaptação televisiva. Porém, apesar do apelo intermediário, o artigo dá destaque a outro tema. Trata-se da influência do deslocamento espacial sobre a personalidade da personagem Helena. Dessa forma, o autor do trabalho não privilegia apenas o caráter plural de qualquer identidade, mas também, e, sobretudo, as transformações experimentadas pela mulher, Helena (e por todas as mulheres), em plena guerra. O outro artigo, denominado *A motivação da polifonia sobre gêneros, em "Mulheres que celebram as tesmofórias"*, que faz o coro pedir silêncio, enfatiza o papel e a postura do coro em uma peça de Aristófanes, com base nos conceitos de parábase e polifonia. Outro viés analítico reside na questão dos gêneros, propiciada pelos recursos do travestimento e da paródia.

Na última parte desta revista, sob o título *Tempo e memória*, estão reunidos outros dois trabalhos. Em *Violência revisitada no contexto literário indígena de Louise Erdrich*, os temas apresentados no título do artigo são associados às questões de gêneros e etnias. Novamente, nesta edição da *Scripta Alumni*, o lugar de fala tem relevância, nas discussões protagonizadas pelas diversas artes. Evidentemente, essa condição oferece aos leitores nova perspectiva sobre o processo de colonização e diferenças (individuais e culturais). Por fim, o artigo *O autor e o herói em "História do cerco de Lisboa"*, seguindo o paradigma do trabalho anterior, também relativiza o discurso histórico. Para o estudo da obra de José Saramago, os autores fazem uso dos pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin e nos convidam a refletir sobre o *status* de textos, a rigor, distintos: os literários e aqueles de teor documental, considerados **oficiais**. Do mesmo modo, somos levados a questionar o papel do autor como contador de **histórias** (ou o correto seria **Histórias?**).

Dividido em sete partes e trazendo quinze artigos, este dossiê representa bastante bem os diversos tipos de rupturas e inovações possíveis e necessários nas artes. Aliás, essa pluralidade é resultante do período em que vivemos hoje:

A abertura da sociedade põe em causa estas certezas fáceis: ela multiplica os contatos com o outro e mostra a sua complexidade e a sua diversidade. Esta confrontação ampliada



conduz com frequência a atitudes defensivas: a afirmação identitária torna-se explícita. Para enfatizá-la, multiplicam-se os signos e investem-se os elementos objetivos de diferenciação de um valor simbólico novo". (CLAVAL, 2019)²

Emprestando as palavras de Claval, as rupturas surgem quando colocamos "em causa as certezas fáceis" e, nesse momento, relativizamos conceitos, somamos nosso presente ao passado, retomando e revisitando discursos e tendências. Evidentemente, nesses percursos de volta, reajustamos rotas e mudamos as artes, as sociedades e os sujeitos:

(...) à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 12)³

Agora, convido você, leitor, para que se identifique — "ao menos temporariamente" — com alguns trabalhos publicados neste dossiê, a fim de privilegiarmos uma perspectiva sempre voltada para os outros, plural e múltipla, sempre incompleta e constantemente em busca de...

Desejo a todos boas escolhas e leituras prazerosas.

Verônica Daniel Kobs
Editora

² CLAVAL, P. *O território na transição da pós-modernidade*. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/16>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

³ HALL, S. *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

